

**A CONSTRUÇÃO DO ETHOS FRONTEIRIÇO BRASIL
VENEZUELA EM AMBIENTE ECOLINGUÍSTICO**

Maria Ivone Alves da Silva (UERR)

profivonesilva@gmail.com

Odileiz Sousa Cruz (UFRR)

1. A fronteira Brasil/Venezuela: o ambiente ecolinguístico

A faixa de fronteira brasileira, conforme estudos do Ministério da Integração Nacional, ocupa 27% do território nacional. De sul a norte do país, há onze estados brasileiros que fazem fronteira com dez outros países. Nesta situação geográfica fronteiriça está o estado de Roraima, que faz fronteira com dois países: a República Cooperativa da Guiana, cuja língua oficial é o inglês e a República Bolivariana da Venezuela, de língua espanhola.

Esta fronteira tem recebido pouca atenção quanto à pesquisa na área de contato linguístico, a despeito de existir uma demanda real por caracterizar aspectos que envolvem a língua em relação com o ambiente sócio-histórico. As relações mantidas se dão em função da amizade, educação e comércio, dentre outras. Um dos exemplos, na área educacional, é a oferta do curso de português como língua estrangeira – PLE, pela Universidade Estadual de Roraima, no campus de Pacaraima, desde 2010, onde 100% dos alunos são venezuelanos.

Numa situação de mobilidade típica de fronteira, os povos estabelecem relações socioeconômicas e sócio-históricas que podem determinar o tipo de contato linguístico entre os povos. Nessa situação de contato o sujeito da fronteira constrói a partir do seu discurso um ethos baseado nos fatores sócio-históricos. Estes são considerados fatores ecológicos, pois em um ambiente onde acontecem as interações é possível que haja uma influência na construção do ethos fronteiriço. Os objetivos deste artigo se concentram no reconhecimento dos tipos de ethos construídos nas relações de contato e na caracterização da intensidade do contato linguístico como fator determinante no discurso de sujeito da fronteira.

2. Os caminhos metodológicos

O *corpus* está composto por um texto oral produzido em entrevista livre. A produção foi realizada a partir de um tema provocador: “A vida na fronteira”, onde a pesquisadora solicitou ao entrevistado que contasse como era a vida na fronteira. A constituição do *corpus* oral justifica-se pelo desejo que os sujeitos enunciadoreis produzissem textos de forma espontânea, pois de acordo com Authier-Revuz (1998, p. 97), “o texto oral, em que não podem suprimir as reformulações, deixa mecanicamente, no fio do discurso, os traços do processo de produção”.

A escolha do sujeito “Maria¹”, para esta análise, se faz de forma aleatória dentro de um grupo de informantes que compõe a pesquisa de mestrado intitulada “A construção do ethos fronteiriço em *la línea* Brasil/Venezuela nas representações do ambiente ecolinguístico”, em fase de construção. A partir do elemento provocador, a informante fez descrições da vida pessoal e do contexto sócio-histórico da região, as relações sociais de amizade, educação e comércio e a mobilidade entre os dois países.

A caracterização do sujeito se dá a partir dos parâmetros estabelecidos na sociolinguística de Labov (1972), que leva em consideração a variável idade, sexo, formação (nível de escolaridade), profissão (classe social), a qual inclui a noção de prestígio. Acrescenta-se a estas variáveis o tempo de permanência na região de fronteira e escolha da língua da entrevista como significativas para percepção da construção do ethos.

Essas variáveis segundo o autor dividem-se em dependentes e independentes. A variável dependente seria o estudo das formas que estão em competição. Enquanto que o uso de uma ou outra variante, influenciado por fatores linguísticos ou sociais, constituem as variáveis independentes. Nas variáveis independentes verificam-se principalmente o contexto em que se dá a enunciação, é o caso desta pesquisa, pois a análise leva-se em consideração o ambiente ecolinguístico em que o sujeito está inserido.

Neste sentido, descreve-se o sujeito da pesquisa “Maria”, que é venezuelana, tem 50 anos de idade, nasceu em Santa Elena de Uairén, é servidora pública na área de turismo, língua da entrevista, português, cursa ensino superior em Pacaraima, contudo, viveu dez anos fora da região de fronteira.

¹ Nomeação fictícia.

3. O ambiente e o ethos

A relação entre ambiente ecolinguístico e a construção do ethos está entendida neste texto levando em conta o conceito de ecolinguística visto em Mufwene (2001) e Couto (2007) como sendo a relação do indivíduo e o meio. Enquanto o ethos, em Maingueneau (2008) é postulado, como a imagem de si construída no discurso. Nesta pesquisa, o foco é a situação empírica e os atores sociais, com ênfase nos elementos linguístico e extralinguístico, por conseguinte, o que interessa é a situação em que o indivíduo está inserido, bem como seu discurso.

Em Mufwene (2001) é acentuado que o que entra em contato não são línguas, mas sim povos. Neste sentido, reconhecer os tipos de contato que podem ocorrer entre os povos é importante e pode inclusive auxiliar a compreender as interações que são estabelecidas.

Assim, o tipo de contato influencia nas relações mantidas entre os povos e, portanto, pode interferir na intensidade da mobilidade na região de fronteira, por outro lado, a intensidade pode determinar o ethos do sujeito de fronteira visto as relações sócio-históricas balizarem a cena da enunciação.

O lugar onde acontece essa interação e as circunstâncias em que ela ocorre diz respeito ao ambiente ecolinguístico, e nesta perspectiva, consideram-se ecossistemas meio ambiente natural, meio ambiente mental e meio ambiente social, como fundamentais para compreensão das relações estabelecidas na região.

Associa-se também à presente reflexão a base teórica de Maingueneau (1997, 2008) por favorecer a análise, principalmente, das circunstâncias e do *lugar social* em que o sujeito enuncia. É neste sentido que se utiliza esta noção, pois quando o sujeito falante, o falante de fronteira, enuncia sobre seu contexto histórico, linguístico e social, mobiliza seu conhecimento, emoções, razões e avaliações na construção de seu ethos, enunciando assim seu ponto de vista sobre o mundo, em função do seu espaço.

Por meio do ethos, o destinatário está, de fato, convocado a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto implica. Sendo a cena de enunciação composta por três cenas:

a) a cena englobante que integra o discurso em um tipo que poderá ser publicitário, administrativo, filosófico; b) a cena genérica, onde

o discurso está associado a um gênero ou a um subgênero de discurso como o sermão, o editorial; c) a cenografia que é construída pelo próprio texto, sendo a cena de fala, que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação. Assim, são os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar o ethos, bem como sua cenografia, por meio dos quais esses conteúdos surgem (MAINGUENEAU, 2008, p. 71)

Com intuito de caracterizar o ethos do sujeito da fronteira, optou-se por conhecê-lo por meio do estudo de fatores sócio-históricos evocados na entrevista. Esses fatores são considerados ecológicos, neste sentido, toda a história social, econômica e política da região faz parte do ambiente ecolinguístico em que o indivíduo está inserido.

4. *Intensidade do contato linguístico: deslocamentos físicos e atitudes relacionadas à mobilidade*

A intensidade do contato está relacionada aos deslocamentos físicos do povo ou de povos para um território. A partir do momento em que as trocas comerciais se intensificam (crescimento das visitas e comércios) é que os contatos se tornam mais diretos, podendo ocorrer contatos regulares com locutores correntes (MUFWENE, 2001). As línguas entram em contato na mente dos indivíduos que entram em contato num determinado lugar, pois as línguas não se movem sem população.

O fator socioeconômico de PL1¹ e PL2 influencia o deslocamento, podendo ocorrer com maior ou menor intensidade, nesta região de fronteira. Dependendo deste fator é que se dará a formação de atitudes em relação à mobilidade, ou seja, o poder econômico de PL1 e PL2 é que vai determinar essas atitudes, como se pode ver este deslocamento em função das categorias do *ambiente ecolinguístico específico de interação, amizade, educação e comércio*.

O deslocamento pode ocorrer em função da relação de **amizade**, que os povos mantêm entre si, como se vê nos enunciados de Maria, que

¹ Considera-se PL1 e PL2 o povo brasileiro e venezuelano respectivamente, lembrando que cada povo vive de um lado da fronteira geopolítica.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

considera a língua como fator de aproximação e inclusive responde a entrevista em Português.

Maria: [...] minha família conheceu também a família de Bento Brasil muitas famílias fundadoras de Boa Vista porque *havia muita relação ele se trocavam comida e algumas coisas de trabalho tela pra roupa então meus tios eles cresceram falando português falando su língua própria indígena e o espanhol* eu não falo bem português mas meus tios sim porque eles passaram toda a vida aqui na fronteira *a política não existia agora nos tempos novos a gente fala de política de coisas diferentes os indígenas mudaram muitas coisas tantos os indígenas venezuelanos como da parte do Brasil [...]*

É possível considerar este contato em dois momentos sócio-históricos de PL1 e PL2, onde os povos se encontram no momento inicial da ocupação da zona fronteira. Maria afirma que o relacionamento de amizade era intenso, caracteriza-o por meios da presença das trocas de bens e serviços, portanto, pelas trocas simbólicas - éramos um só povo, “*a política não existia*”. Maria destaca também a situação atual, “*agora nos tempos novos agente fala de política*”...; “*os indígenas mudaram*”. Esse deslocamento era feito sem levar em conta a fronteira geopolítica, que muda a partir da mudança de comportamento dos povos que estabelecem políticas internas e externas em ambos os países.

E Maria segue afirmando, que a fronteira geopolítica é um mito e que além da língua a cultura aproxima os povos. Realmente não existe fronteira linguística, assim, não existe fronteira cultural. A ideia de que a fronteira é uma região única, que não tem limites é trazida pela informante que é neta de Lucas Fernandes Peña, fundador de Santa Elena de Uai-rén.

Maria: [...] ele também *esteve em Tepequém* trabalhando nas minas sacando diamante e ouro ele conheceu muito do Brasil *e depois que ele se instalou em Santa Elena de Uiarén* ele teve muita relação com o Brasil [...]

Assim, é possível perceber que a mobilidade entre os territórios sempre existiu e que essa relação amistosa faz parte da história desta região. O tipo de contato¹ estabelecido entre os povos, neste caso, se dá em dois momentos, o momento histórico, que data da ocupação da re-

¹ Segundo tipo de contato- chegam os espanhóis, portugueses ingleses e holandeses no território indígena que até aquele momento era único; até hoje as etnias são as mesmas de ambos os lados da fronteira.

Quarto tipo de contato- é o que ocorre atualmente, pois os três povos vivem na região, se deslocando periodicamente para os territórios (Brasil, Venezuela e áreas indígenas demarcadas).

gião que ocorreu no século XIX, fundação de Santa Elena de Uairén em 1923, invoca o tipo de relação estabelecida, assim, Peña poderia ter escolhido ao invés de Santa Elena a Vila BV-8 (atual Pacaraima) para fixar residência, já que inclusive trabalhou na região da Serra do Tepequém (Serra que está localizada no Município de Amajari-RR, que faz limite com Pacaraima), onde à época era considerada a “serra pelada” do norte do Brasil, hoje considerada área de preservação ambiental.

Quando Maria evoca no ambiente amizade percebe-se ainda, que não é só um povo, embora tenha sido, em um momento anterior, “o locutor retoma um acontecimento do passado para propor um novo discurso, situado no momento presente” (LOUZADA, 2007), constrói assim, uma imagem de bom vizinho, amigo, próximo.

A **educação** tem sido motivação para o deslocamento de PL1 e PL2 à T2 e T1, respectivamente. Observe que PL1 se desloca com frequência à PL2 e acredita que o deslocamento é comum, pois existe uma mobilidade presente já que se pode estudar nível médio de um lado e o nível superior do outro lado da fronteira.

Maria: [...] eu estou fazendo aqui estou na universidade estou me formando como turismóloga já estou por concluir aqui em Pacaraima na universidade estadual daqui do Brasil *graças ao Brasil vou ser turismóloga hahaha eu estudei como se chama na Venezuela se chama recursos humanos e relações industriais e administração de empresas a nível técnico [...]*

Brasileiros e venezuelanos estudam em ambos os lados da fronteira geográfica, reforçando, assim a ideia de mobilidade.

No entanto, Maria acredita que o que divide os dois países não é a fronteira geopolítica, mas sim o não domínio do idioma, “[...] essa linha aí que divide quando existe uma compreensão de idioma é uma linha imaginária não é uma linha real se agente pudesse falar bem um idioma a outro seria bem melhor [...]”. Ao evocar no ambiente educação constrói um ethos boa vizinha, quando reconhece que é por meio do Brasil que terá formação superior.

Quanto ao **comércio**, Maria informa que houve um momento econômico anterior em que o povo venezuelano se deslocava para fazer compras no Brasil, se referindo à década de 90, onde venezuelanos se deslocavam para Vila BV-8 (Pacaraima), para consumir produtos variados.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Maria: antigamente quando o Brasil tinha uma mala situação econômica eh não é um segredo para os brasileiros agente aproveitava essa questão e inclusive agente os brasileiros que trabalhavam lá eles eram maltratados porque não tinha papel agente explorava a questão de estrangeiro agora a moeda está virada haha então o venezuelano sente que é maltratado mas esse mau tratos não existem [...] só alguns setores que maltratam que aproveitam algumas oportunidades não é uma questão de a moeda da Venezuela está muito desvalorada, [...] eu não compro lá eles estão me maltrando os preços são muito alto o preço é que é a moeda da Venezuela tá muito fraca agora então isso é depreciação [...]

Tem-se a afirmação de que a mobilidade comercial é que ocorre com frequência e que esta relação comercial se torna mais intensa pela chegada de outros povos à região, além do mais o ir e vir (lá e cá) depende muito mais das políticas internas e externas de cada país, do que do desejo individual do sujeito, “eu não compro lá estão me maltratando”, o câmbio vai determinar quem compra, quem vende e quem consome, alterando, assim a relação entre os povos. A mobilidade no comércio é tão intensa que os povos podem utilizar ambas as moedas em ambos os lados da fronteira.

Entretanto, no ambiente comércio Maria constrói uma imagem de desacordo, de rixa entre brasileiros e venezuelanos, um ethos de vizinho conflituoso, aproveitador.

Não obstante, é através da construção da imagem de si que o enunciatador legitima seu próprio dizer, construindo uma imagem calcada em valores historicamente aceitos, de acordo com uma situação dada, a amizade, educação ou o comércio.

5. Algumas considerações

A noção de ethos permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento (Maingueneau, 2008, p. 64). Nas produções discursivas em ambientes ecolinguísticos específicos, amizade, educação e comércio o sujeito da fronteira constrói um ethos que é influenciado pela intensidade do contato.

Nessa situação de contato, os povos circulam com frequência, entre os territórios T1 (Santa Elena) e T2 (Pacaraima), estabelecendo trocas de bens e serviços, influenciado o tipo de contato e motivando a intensidade que por sua vez influencia a construção do ethos fronteiriço

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Brasil/Venezuela, como ethos do bom vizinho, amigo, familiar. Muito embora, no ambiente ecolinguístico comércio construa um ethos conflituoso.

A partir da presente reflexão, se espera ter contribuído para os estudos das relações entre contato e a construção do ethos, buscando compreender como a intensidade do contato pode interferir na construção de sentido no discurso do sujeito da fronteira norte Brasil-Venezuela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ. *Palavras incertas: As não coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

BRASIL, Ministério da Integração. Disponível em:

<http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/fronteira.asp?area=spr+fronteira>.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Ecolinguística estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOUZADA, M. S. O. Ethos, cena midiática e discurso político. In: III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: Emoções, Ethos e Argumentação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MUFWENE, S.S. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.